

Poesia e romantismo cederam lugar ao progresso

LARGO DO TANQUE

Desenvolvido em torno da Fábrica de Algodão do Tanque, o logradouro abriga hoje comércio vigoroso

GIOVANNA CASTRO ♦ REPÓRTER

O Largo do Tanque não é um bairro, mas falta pouco para chegar lá. Como um rio, possui várias ladeiras íngremes que dão acesso a vários outros bairros periféricos em direção aos subúrbios da cidade, como Liberdade, Sieiro, São Caetano, Calçada, Bairro Guarani, Fazenda Grande e Baixa do Fiscal. O constante movimento de coletivos, veículos de transporte de materiais de construção, caminhões de mudanças e automóveis de passeio deu ao lugar uma importância que com o tempo provocou a população de inúmeras lojas, agências bancárias, postos de gasolina, mini-shoppings, farmácias, escolas, mercados tudo que a população precisa para sobreviver sem precisar se deslocar até o centro da cidade.

Quem viveu para contar a história do lugar, como a aposentada Alice Antônia dos Santos, 82 anos, revela que antigamente não havia nada disso. A memória remete a um tempo em que tudo era barro e matagal, e o que hoje é o largo, era um dique que fornecia pescado para as poucas pessoas que habitavam por lá.

Casinhas de taipa cobertas com palha seca protegiam os trabalhadores da Fábrica de Algodão do Tanque. A economia da área girava em torno desta fábrica, e quem exercia alguma atividade na empresa tinha direito a um lote de terra para construir casa e morar com a família mais perto do local de trabalho. As mulheres, para auxiliar no orçamento familiar, produziam cuscuz, mingau e quitutes como o "aberm" - ancestral do abará - vendidos de porta em porta para as "brancas", que tinham mais dinheiro.

A sociedade mais abastada comprava mariscos papa-fumo, ostras e caranguejos retirados do mangue que hoje é o bairro da Calçada. "Era uma gandaia sair para pescar", conta a moradora Alaíde dos Santos Cerqueira. Na volta da lida, o bate-papo na porta de casa era garantido. A conversa costumava invadir a madrugada e ninguém tinha medo de ser assaltado ou mesmo dormir de porta aberta. Não raro, entre uma palavra e outra, tinha-se a oportunidade de presenciar a passagem da boiada que vinha do interior do Estado para ser abatida nos matadouros do Re-

tiro. Era divertido apreciar os bois se desgarrando da comitiva e se escondendo nas ruelas da vizinhança da Fazenda Grande e São Caetano, dizem os antigos habitantes do local.

As opções de diversão eram poucas, mas muito prazerosas. A pequena quantidade de moradores gerava uma aproximação que resultava na organização das festas mais animadas das redondezas, algumas que duram até hoje. Naquele tempo havia Terno de Reis, quermesse, São João e Baile Pastoril embalados pelo som do fonógrafo, uma radiola antiga que precisava dar corda para funcionar.

A vida era difícil mas o romantismo tinha o seu lugar. Quando faltava energia elétrica, as pessoas conversavam na rua, sob a luz da lua. O clima romântico favorecia as serenatas, que pipocavam nas janelas das casas quando algum apaixonado decidia fazer a corte à mulher amada. Até os presos da "cadeia do engenho", onde hoje fica o Manicômio Judiciário, aproveitavam a passagem das moçoilas para paquerar. Quando as meninas passavam pela margem da maré para pescar, eles atiravam bilhetinhos com declarações de amor eterno.

Maior problema é falta de infraestrutura

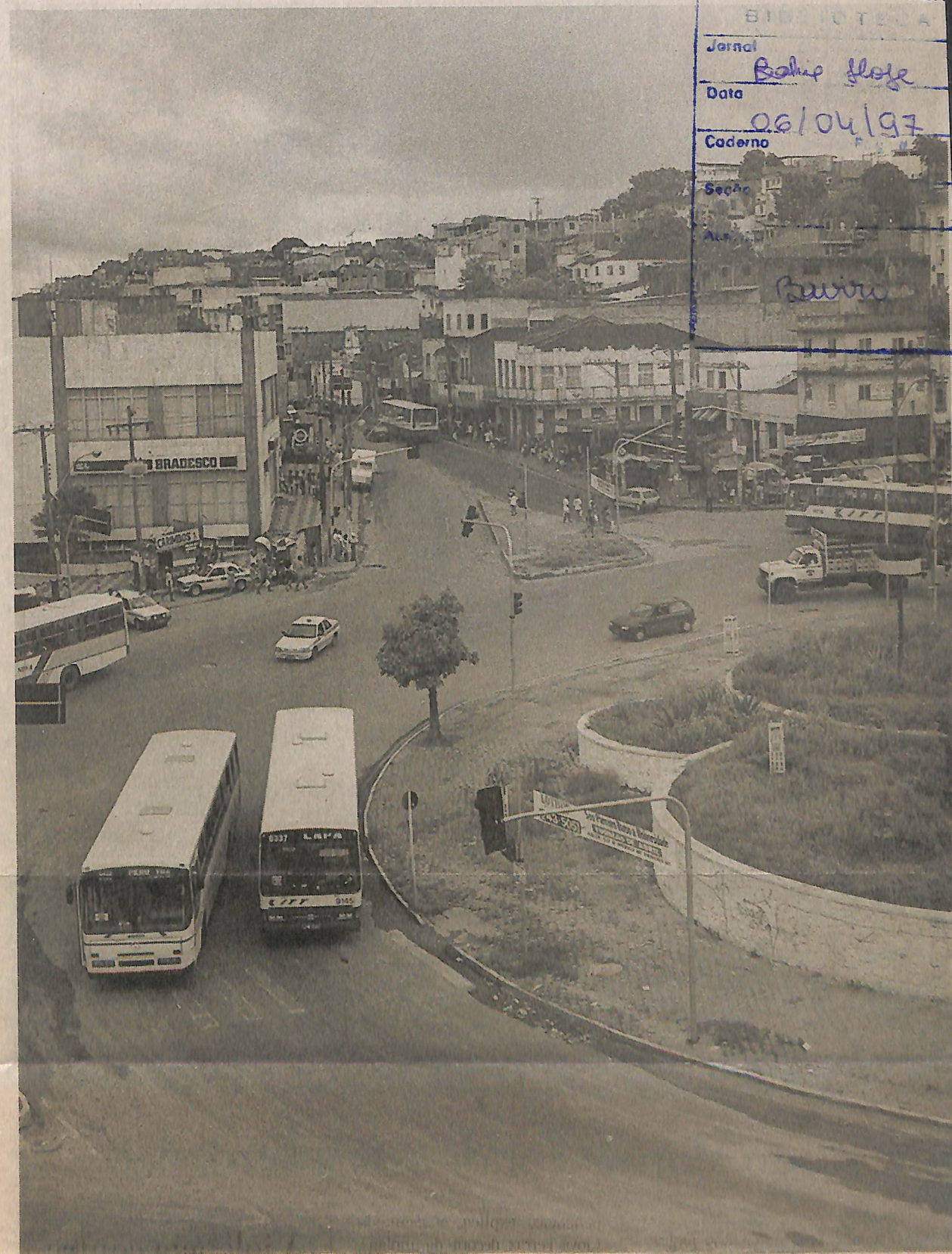
A quantidade de problemas que hoje o largo do Tanque apresenta supera o que existe de aprazível. O problema mais grave do largo e imediações é a favela do Bairro Branco. Segundo a presidente da Associação de Moradores, Aidil dos Santos Cerqueira, desde o ano passado, quando houve deslizamentos com mortes na época das chuvas, nenhuma providência mais efetiva foi tomada. As calçadas da favela foram construídas em cima de um charco e a cada temporal o terreno fica mais encharcado, comprometendo a segurança das casas construídas em encostas. Além disso, a infraestrutura do local é precária, falta água e o céu vive aberto.

A favela passou recentemente por um surto de dengue provocado pela água das chuvas, que alagou casas e

provocou prejuízos para as famílias, que perderam móveis e utensílios domésticos na enxurrada. A parte alta do morro onde a favela está instalada despeja todo o fluxo de água na parte baixa, formando enormes lagos nas vias de acesso ao local. A situação se agrava com a profusão de buracos nas ruas, que escondidos sob a correnteza, oferecem risco aos automóveis e aos transeuntes desavisados. A tubulação de esgoto corre junto à de água e já aconteceu de um líquido contaminar o outro, comprometendo a saúde pública a cada escavação feita nas pistas.

A segurança também tira o sono dos moradores. Acidentes com veículos acontecem com frequência por causa dos buracos e de sinalizações que não funcionam. A favela Fonte do Capim e as ramifica-

ções que conduzem ao Alto do Peru são pontos de alta marginalidade. Para escapar da polícia, os bandidos se embrenham nas ruelas da Fonte, cujos moradores vivem em permanente estado de pânico. A solução apontada por Aidil Cerqueira são o serviço de viaturas em rondas noturnas e o retorno das duplas de guardas para intimidar a ação dos marginais. Locais como o Cotovelo e Pacheco são de difícil acesso devido à burocracia e aos vazamentos nas ruas, o que também impede a presença mais intensiva da polícia. Outro problema considerado grave é a quantidade de barracas montadas em cima das calçadas. Muitas estão instaladas nos pontos de ônibus, atrapalhando as paradas e expondo as pessoas ao risco de atropelamento.



O Largo do Tanque é importante via de acesso a bairros como São Caetano, Liberdade e B. do Fiscal

Moradores querem regularizar terrenos

A regularização da posse das terras na área do Largo do Tanque e adjacências é um problema antigo dos moradores. Segundo Aidil Cerqueira, presidente da Associação dos Moradores, existe uma empresa que tomou posse de todas os terrenos, oficialmente de propriedade da

Prefeitura, ameaçando os moradores de despejo e cobrando valores extorsivos pelo aluguel das propriedades. A presidente afirma que desde 92 os valores cobrados pela empresa foram aumentados de forma descontrolada sob alegação de pagamento de Imposto Predial e Territorial Urbano (IPTU), água e energia.

PAULO NEVES

Há alguns anos, a empresa teria solicitado da administração municipal um terreno para plantio de algodão, o que não foi concretizado, culminando com a falência do empreendimento. Com o passar do tempo, a população de baixa renda começou a se instalar nas terras abandonadas, construindo moradias irregulares. Segundo afirma Aidil, não há documentos para comprovar que as terras tenham sido vendidas para a empresa em questão. "A fábrica era deles, não o terreno", protesta. A partir de então, os moradores começaram a ser pressionados e ameaçados para forçar a venda dos terrenos por preços insignificantes.

A proposta apresentada pela Associação dos Moradores garantiria isenção do pagamento de reajustes a viúvas e deficientes que estivessem em suas moradias há mais de 10 anos. As pessoas que estivessem residindo local apenas nos últimos cinco anos seriam denunciadas, mas remanejadas adequadamente para outras regiões da cidade. "Aqui, poucas pessoas são donas de títulos de posse de terra", afirma Aidil.

Enquanto os valores cobrados não ultrapassaram o limite das condições financeiras dos moradores, eles se submeteram ao pagamento das taxas cobradas pela empresa. Agora, precisam enfrentar aumentos de preços de valores entre R\$ 10 e R\$ 50 para até R\$ 400. "Precisamos do respaldo da Prefeitura para regularizar esta situação", conclui Aidil.



Posse da terra, como a da favela do Barro Branco, ainda é problema

■ FEBAN/97

Governo vai demonstrar serviços

As secretarias da Indústria, Comércio e Mineração (SICM), Trabalho e Ação Social (Setras) e Administração (Sead), mais uma vez representarão o governo do Estado na Feira Baiana de Negócios (Feban/97), prevista para acontecer de 9 a 13 de abril, no Centro de Convenções da Bahia. No estande conjunto, a SICM mostrará os serviços que coloca à disposição de empreendedores e consumidores baianos. A Setras apresentará as ações do Programa de Geração de Emprego e Renda (Proger/Fat), enquanto a Sead divulgará o Serviço de Atendimento ao Cidadão (SAC) e a Central de Informações sobre Licitações (CIL) se encarregará de prestar esclarecimentos aos pequenos e microempresários.

Na opinião do secretário da Indústria, Comércio e Mineração, Jorge Khoury, a cada ano a Feban torna-se mais atraente, tanto para o público quanto para o empresário, e um bom indicativo é o sempre crescente volume de negócios fechados durante o evento. "Hoje, o âmbito da feira não é apenas estadual, pois já inclui rodadas de negócios com empresários de ou-

tros países como os do Mercosul e União Européia", dia Khoury. "A Feban não só cumpre os seus objetivos originais, como tem também ultrapassado as nossas expectativas, trazendo enormes benefícios para as empresas participantes", afirma o secretário.

Em relação à SICM, a novidade deste ano será a apresentação de um

"vídeo wall" (painel formado por vários monitores de TV) e posteres relacionando os principais investimentos anunciados para a Bahia, a exemplo da montadora de automóveis Asia Motors, as fábricas de calçados Azaléia (Itapetinga) e Ramarim (Jequié), a indústria de cervejas Schincariol e a ampliação da Refinaria Landulpho Alves (RLAM), entre outros.

ARQUIVO



A Feira Baiana será aberta no dia 9, no Centro de Convenções